

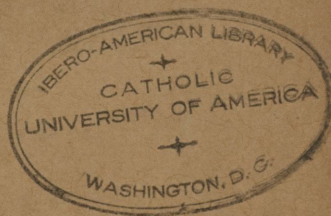
ARTHUR AZEVEDO

A

ALMANJARRA

COMEDIA EM 2 ACTOS

Preço 500 réis



RIO DE JANEIRO

Imp. a vapor H. LOMBAERTS & C., Editores

7 — RUA DOS QUIRIVES — 7

1888

A

ALMANJARRA

COMEDIA EM 2 ACTOS

Representada pela primeira vez no Rio de Janeiro, no theatro
Recreio Dramatico, em 21 de Abril de 1888.

EMPRESA DIAS BRAGA

PEÇAS ORIGINAES DO MESMO AUCTOR

70
2697
A95
A95
1888

* **Amor por annexins**, comedia em 1 acto.

O Anjo da vingança, drama em 3 actos, de collaboração com Urbano Duarte.

O Barão de Pituassú, comedia-opereta em 4 actos, musica de Adolpho Lidner.

* **O Bilontra**, revista de 1885, em 1 prologo e 3 actos, de collaboração com Moreira Sampaio.

* **O Carioca**, revista de 1886, em 1 prologo e 3 actos, de collaboração com Moreira Sampaio.

Casa de Orates, comedia em 3 actos, de collaboração com Aluizio Azevedo.

* **Cocoto**, revista de 1884, em 4 actos, de collaboração com Moreira Sampaio.

* **A Donzella Theodora**, opereta em 3 actos, musica de Abdon Milanez.

E mettam-se! comedia em 1 acto.

* **O escravocrata**, drama em 3 actos, de collaboração com Urbano Duarte.

O Homem, revista de 1887, em 3 actos, de collaboração com Moreira Sampaio.

* **A Joia**, comedia em 3 actos, em verso.

Kellar e Fagundes, entre-acto comico.

O Liberato, comedia em 1 acto.

* **O Mandarim**, revista de 1883, em 1 prologo e 3 actos, de collaboração com Moreira Sampaio.

* **A „ Mascote “ na roça**, comedia em 1 acto.

* **Mercurio**, revista de 1886, em 3 actos, de collaboração com Moreira Sampaio.

Uma noite em claro, comedia em 1 acto.

* **Os noivos**, opereta em 3 actos, musica de F. Sá Noronha.

A pelle de lobo, comedia em 1 acto.

* **A Princesa dos Cajueiros**, opereta em 3 actos, musica de F. Sá Noronha.

O Rio de Janeiro em 1877, revista em 1 prologo e 3 actos, de collaboração com Lino de Assumpção.

* **Uma vespera de Reis na Bahia**, comedia-opereta em 1 acto, musica de F. Libanio Colás.

As peças com o signal * estão publicadas.

A

DIAS BRAGA

O. D. C.

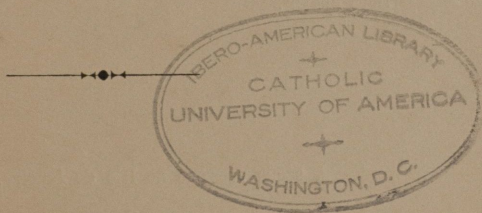
ARTHUR AZEVEDO

ARTHUR AZEVEDO

A

ALMANJARRA

COMEDIA EM 2 ACTOS



RIO DE JANEIRO .

Imp. a vapor H. LOMBAERTS & C., Editores

7 — RUA DOS OURIVES — 7

—
1888

PERSONAGENS

| | |
|-------------------|---------------|
| RIBEIRO | SR. MAGGIOLI. |
| MACEDO | SR. RANGEL. |
| ERNESTO | SR. CASTRO. |
| JOANNA | D. LEOLINDA. |
| ROSALIA | D. HELENA. |
| ISABEL | D. AURELIA. |
| DOUS HOMENS. | |

A scena passa-se no Rio de Janeiro. Actualidade.

6315.

A ALMANJARRA

ACTO PRIMEIRO

O theatro representa a sala de visitas da casa de Ribeiro.

SCENA PRIMEIRA

JOANNA, ISABEL.

Isabel, sentada junto a uma mesa redonda, que deve estar no centro, tem perto de si uma cesta de costura. Joanna está sentada n'um canapé, á esquerda.

JOAN. -- Tem paciencia, minha filha ; resigna-te, resigna-te ! Este mundo é mesmo assim.

ISAB., *enxugando os olhos*. -- Mas eu gosto tanto d'elle, mamãe !

JOAN. -- Sim, acredito, mas bem deves saber...

ISAB. -- E elle gosta tanto de mim...

JOAN., *approximando-se da filha*. -- Esqueçam-se um do outro.

ISAB. -- Impossivel.

JOAN. -- Que te hei de dizer ? Jamais te aconselharei a que contraries a vontade de teu pae, que tão bem se tem compenetrado dos seus deveres e da sua responsabilidade.

ISAB. -- Dos seus deveres de marido, não nego. Mas é assim que a senhora comprehende os de um pae ? De

que servio essa esmerada educação que recebi ? Para que elle me mandou ensinar a distinguir as coisas e as pessoas ? Para atirar-me nos braços de um tolo !

JOAN. — Bellinha !

ISAB., *com mais força*. — De um tolo, de um parvo, de um analfabeto, de um coisa ruim !... Aqui tens esta mulher, este traste... toma-o, enfeita-o, e apresenta-o vaidoso ao mundo... é um objecto que compraste por um punhado de ouro ! (*Chora*).

JOAN. — Não chores, minha filha... Vê que me affliges !

ISAB. — Deixe-me chorar, mamãe. Que seria de mim se não fossem estas lagrimas ? Teria eu bastante força para resistir a tanta contrariedade ?

JOAN. — Olha, faze de conta que elle morreu.

ISAB. — Antes morresse. Eu morreria tambem. Morreríamos ambos. E já que na terra não consentem na nossa ventura, unir-nos-íamos no céu.

JOAN. — Não condemnes a teu pae : o muito amor que tem por ti é que o leva a descobrir n'esse casamento a tua elicidade. Anda illudido. Talvez que com calma... Deixa estar... Eu fallo-lhe. (*Desce ao proscenio*).

ISAB., *erguendo-se vivamente*. — Falla-lhe ? Oh, mamãe ! mamãe ! (*Beijando-a*.) Que bom, se conseguisse...

JOAN. — Quem sabe ? Serei eloquente. Mas só patrocino a tua causa sob uma condição...

ISAB. — Sei qual é : não chôrar mais. Prometto. (*Enxuga bem os olhos*.) Vê ? Ninguem dirá que aqui estiveram lagrimas.

JOAN., *beijando-a*. — Tolinha ! — Vamos para a sala de jantar. O sol já bate na janella. Não se póde parar aqui com o calor. Vamos ! (*Ouvindo um soluço de Isabel*.) Espera ; talvez saia tudo á medida dos nossos desejos.

ISAB. — Deus o permita. (*Toma o cestinho de costura*).

JOAN., *sahindo com a filha*. — Ninguem mais do que eu deseja ver-te feliz. É preciso acabar de uma vez por todas com essas lagrimas que... (*Perde-se o resto nos bastidores*).

SCENA II

RIBEIRO, ERNESTO.

RIB, *trazendo Ernesto pelo braço quasi á força*. — Faça favor de entrar, senhor Alberto.

ERN. — E o senhor a dar-lhe com Alberto! — Ernesto!

RIB., *emendando*. — Pois faça favor de entrar, senhor Ernesto. — E' esta a nossa humilde choupana. Não repare. Aqui tem uma cadeira: sente-se.

ERN. — Não sei como agradecer tanta bondade, senhor Ribeiro.

RIB. — Eu é que devo agradecer, é boa! (*Chamando*.) O' senhora! ó menina!

ERN. — Ora! não vim preparado... (*Vae a um espelho*).

RIB. — Está perfeitamente. Minha mulher e minha filha não são de cerimoniaes. Não lhes faça muitos cumprimentos: é pol-as em máo costume, senhor...

ERN., *sentando-se*. — Ernesto.

RIB., *concluindo*. — ... senhor Ernesto. (*Senta-se tambem*.) Aqui onde me vê, tenho uma filha de desoito annos.

ERN. — Ah! sim?

RIB. — E se o meu Manoelito estivesse vivo, devia ter a sua idade. Que idade tem?

ERN. — Eu? Vinte e cinco annos.

RIB. — Elle estaria com vinte e tres. — Ora! está no céu. Foi talvez melhor assim. Resta-me a Bellinha.

ERN. — Bellinha? Ah! é a menina?

RIB. — E' a menina, é. Conto muito breve convidal-o para o casamento d'ella.

ERN. — Devéras?

RIB. — Nada, que ellas, em chegando a certa idade, é preciso arrumal-as; quando não, ficam para ahí tias, e não acham quem as pretenda, a não ser algum troca-tintas, mais namorado do dote que de outra coisa.

ERN. — Tem razão. E o nome do noivo? E' segredo?

RIB. — Segredo? Eu não tenho segredos. O noivo é o commendador Domingos Bastos; conhece?

ERN. — Conheço um commendador Domingos Bastos, mas não póde ser esse.

RIB. — Porque?

ERN. — Porque... esse já não é criança.

RIB. — E julga o senhor que eu dava minha filha a uma criança?

ERN. — Ah! isto um modo de fallar.

RIB. — O Domingos é um homem honrado... Não teve a gloria de inventar a polvora, não é nenhum fura-paredes, mas tem muito bom senso e uma boa duzia de patacas.

ERN. — Mas é que...

RIB. — E' que o que?

ERN. — Uma menina de desoito annos...

RIB. — Ora pelo amor de Deus, senhor... Alberto, não ?

ERN. — Ernesto.

RIB. — Ora pelo amor de Deus, senhor Ernesto! Também é dos taes ? Não admira : na sua idade... Achava talvez mais acertado casal-a...

ERN. — Perdão, não digo isso, nem é da minha conta o que se passa no seio de sua familia. Naturalmente a menina estima o seu noivo, e n'esse caso...

RIB. — Engana-se. A Bellinha não quer vel-o nem pintado. Anda embeigada por um pelintra, e não ha meio de fazel-a chegar-se ao rego.

ERN. — N'esse caso, desculpe a franqueza de um individuo que conhece apenas de alguns minutos : faz muito mal, senhor Ribeiro. Os casamentos de conveniencia são sempre muito inconvenientes.

RIB. — Ora ahi vem o senhor ! Não admitto que ninguém mais do que eu se interesse pela felicidade de minha filha. Prezo-me de ser bom pae.

ERN. — A seu modo. A intenção é boa ; os effeitos é que são detestaveis.

RIB. — Sabe que mais ? Vou fazer cincoenta e quatro annos, senhor Alberto. (*Ernesto encolhe os hombros.*) Tenho levado uma vida bem governada, e de muito me tem servido a experiencia do mundo. Quando me casei, a madama, se quer que lhe diga, não trouxe lá muito boa cara da casa do pae. O homem era da minha tempera. Podia ignorar muita coisa, mas sabia perfeitamente onde tinha o nariz. Ora adeus ! minha mulher em pouco tempo estava que não parecia a mesma. Temos sido muito felizes.

ERN. — Não se argumenta com excepções.

RIB. — O mesmo ha de acontecer á Bellinha. A principio muito desgosto, muita choradeira... (*Arremedando.*) Quero ir p'r'o convento ! Vou tomar verde-pariz ! Não toco mais piano ! (*Naturalmente*) E depois ? Ai, meu maridinho, aonde te porei ?

ERN. — Nem sempre assim succede. (*Ergue-se.*) Olhe, em mim tem o senhor um exemplo. (*A' meia voz.*) Eu gostava muito de uma moça...

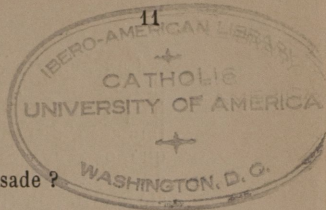
RIB., *erguendo-se.* — Sim ?

ERN. — Que foi obrigada a casar-se com outro homem.

RIB. — Sim ?

ERN. — E' uma historia muito comprida. Se soubesse quanto soffremos !

RIB. — Sim ?



ERN. — Quanto soffremos ainda !

RIB. — Pois continuam ?

ERN. — Se continuamos !

RIB. — E ella... está... casada ?

ERN. — Ha oito mezes.

RIB. — E mostra-lhe ainda muita amizade ?

ERN. — Amizade ? Nenhuma.

RIB. — Ah !

ERN. — Mas muito amor...

RIB. — Oh !

ERN. — Amor vehemente, entranhado, profundo... amor que só com a morte acabará um dia. Pois essa immoralidade que a egreja sanctifica e a sociedade legalisa, o casamento de conveniencia, é lá bastante forte para destruir o sentimento do amor em dous corações apaixonados e jovens ?

RIB. — E' poeta ! Está perdido !

ERN. — Aceite o meu conselho, senhor Ribeiro : deixe á menina a livre escolha do seu noivo, e peze bem as consequencias de uma união forçada !

RIB. — Ora as consequencias ! Uma recordação que naturalmente não se póde desvanecer em seis ou oito mezes .. mas que depois... em vindo a filharada...

ERN. — Mas saiba, meu caro senhor Ribeiro, que eu vou á casa d'ella...

RIB. — Falle mais baixo !

ERN., *baixando a voz*. — ... quando o marido não está, bem entendido. (*Gesto de admiração de Ribeiro*.) Devo parecer-lhe muito leviano contando-lhe estas coisas... mas quero abrir-lhe os olhos... Ainda o outro dia... (*Rindo-se muito*.) Ah ! ah ! ah ! Não posso lembrar-me sem que me ria ! (*Rindo se mais*.) Ah ! Ah ! Ah !

RIB., *rindo-se, ainda sem saber de que*. — Eh ! eh ! eh ! Então que foi ?

ERN., *rindo-se sempre*. — Estavamos, ella e eu, na sala de visitas (porque, é preciso notar, nunca passei da sala de visitas), e diziamos um ao outro essas mil frivolidades de amor que jamais variam e no emtanto sempre nos parecem novas, quando ouvimos passos no corredor !

RIB., *rindo-se muito*. — Querem ver que era o cujo ?

ERN. — Pois quem havia de ser ? Não tive outro remedio senão esconder-me n'um guarda-roupa...

RIB., *muito serio, puxando-o por um botão do casaco*. — Agora espichou-se... Um guarda-roupa na sala de visitas ?

ERN., *muito serio*. — Sim senhor, sim senhor. E eu lhe explico... e eu lhe explico... Elles mudaram-se ha pouco tempo... e o guarda-roupa, um guarda-roupa immenso, disforme, incommensuravel, um guarda-roupa que parece uma cathedral, não coube em nenhum dos quartos... foram obrigados a collocal-o na sala de visitas... até que o substituam, ora ahí está!

RIB. — De modo que foi uma providencia?

ERN. — Naturalmente. Se não fosse o guarda-roupa... Mas que estafa! Passei hora e meia dentro d'aquella fornalha!

RIB. — Bem feito. Não lhe ficou vontade de lá voltar.

ERN. — Ao guarda-roupa? Não, de certo. Mas na sala já eu estive duas vezes depois d'isso.

RIB. — Ah, rapazes! rapazes! . .

ERN. — Este exemplo deve aproveitar-lhe: não dê a menina ao commendador Domingos Bastos...

RIB. — Ora adeus! De que vale o homem sem dinheiro?

ERN. — E de que vale o dinheiro sem homem?

RIB. — Mas esta gente que não vem! Ah! fallae no mão...

SCENA III

Os mesmos, JOANNA, ISABEL.

JOAN. — Chamaste-nos, Manoel? (*Comprimentos mudos entre as duas senhoras e Ernesto*).

RIB. — Desejo que conheçam o meu salvador!

JOAN. — O teu salvador!

RIB. — E' verdade! Este senhor salvou-me a vida!

ERN. — Seu esposo exagera, muita senhora; foi obra do accaso; não fiz mais do que faria outro qualquer no meu logar; entretanto, pegou-me no braço, obrigando-me a acompanhal-o até cá, para apresentar-me a vossas excellencias...

RIB. — Alto lá! Aqui não admitto excellencias nem senhorias! Guarde essas farofias para o *igue-life*. Minha familia dispensa-as.

JOAN. — De certo, senhor... Como se chama?

RIB. — Alberto.

ERN. — Ernesto de Barros, um seu creado.

RIB. — Ernesto, Ernesto, sempre me engano. (*Senta-se; todos o imitam.*) Obra do accaso! Obra do accaso

é muita boa! Também o nascimento é obra do acaso, e a gente a quem mais ama, abaixo de Deus, é a seu pae e a sua mãe. — Ora imaginem que ia eu para a Guarda-Velha encomendar cincoenta garrafas de cerveja para casa, quando, ao passar pelo largo da Carioca, uma maldita casca de banana me faz escorregar e cahir sobre os trilhos justamente na occasião em que ia passar um bonde.

JOAN. — Meu Deus!

ERN. — Ora! o bonde ainda vinha a meia legua...

RIB. — Ora viva, meu amigo, se o senhor não me houvesse puxado para fóra dos trilhos...

ERN., *modestamente*. — Qual!

RIB. — Estavamos a estas horas... você sem marido... você sem pae... e eu sem vida. Eu é que ia mais no meio.

JOAN. — Vejam que brincadeira!

RIB. — Ergo-me debaixo de um côro de gargalhadas...

ERN. — Os homens são perversos. Todos se riem quando alguém leva um trambolhão.

JOAN. — Confesso o meu peccado, senhor Ernesto... se vejo alguém cahir, quero ficar séria e não posso. E' um riso involuntario.

RIB. — E então as senhoras que têm sempre a caninha n'agua! (*Continuando a narração.*) Mas como ia dizendo, ergo-me... ou antes, o senhor Alberto ergue-me, eu tomolhe o braço, e obrigo-o a vir até cá para apresental-o a vocês, dizer-lhes quem é, etc. Conto que fique amigo da casa, e não deixe de nos visitar algumas vezes.

JOAN. — De certo. E' solteiro, senhor Ernesto?

ERN. — Solteiro, minha senhora.

JOAN. — Mas tem familia aqui?

ERN. — Nem aqui nem em parte alguma. A variola o anno passado roubou-me o derradeiro parente.

JOAN. — Fica para almoçar comnosco?

ERN. — Sinto não poder aceitar o convite de vossa ex...

RIB. — Ah?

ERN., *rindo-se*. — Da senhora. Costumo a almoçar em casa do patrão, e são quasi horas...

RIB. — O senhor Ernesto é guarda-livros de uma casa muito importante. (*A Isabel, que desde o principio da scena tem estado triste, a folhear um album.*) Então, menina? você não diz nada? Parece matuta!

ISAB. — Nada tenho que dizer.

ERN. — Tenho notado que está triste, minha senhora...

ISAB. — Meu natural.

RIB. — Deu-lhe p'r'alli, senhor... Ernesto: as mulheres são mesmo assim: qualquer coisa as amofina como as alegre; choram por um nada e riem-se por dá cá aquella palha.

ERN. — Não diga isso. Quantas vezes se enganam os homens que assim pensam! As mulheres são uns pobres entes, cujos direitos desconhecemos, cuja liberdade cerceamos. Quantas angustias silenciosas, quantas dores que não se dizem, quantos sentimentos que se calam justificam essas lagrimas sinceras e apaixonadas, a que elles emprestam sempre uma origem futil, irrisoria, ridicula!

RIB. — Com licença: vou tirar esta albarda... Em casa não posso estar senão de rodaque. (*Sae*).

SCENA IV

ERNESTO, JOANNA, ISABEL, depois RIBEIRO.

ISAB. — Papae não toma estas coisas a serio. Diz que é poesia.

JOAN. — Em nome do meu sexo, agradeço a generosidade de suas palavras, senhor Ernesto.

ERN. — Nada tem que agradecer, minha senhora: é a verdade... Quem sabe se dona Bellinha...

ISAB. — Quem disse ao senhor que eu me chamava Bellinha?

ERN. — Foi o senhor seu pae.

ISAB. — Ah!

ERN. — Quem sabe se não tem magoas secretas?

ISAB., *vivamente*. — Eu não, senhor.

ERN., *a Joanna*. — A vossa excellencia compete sondar aquelle coração.

JOAN. — As mães não sondam: adivinham. São como certos medicos experimentados, que não precisam tomar o pulso ao doente para saber se tem febre.

ERN. — Tem tão bons olhos?

JOAN. — Os olhos do coração veem muito longe.

ERN. — E o senhor Ribeiro... não os terá myopes?

ISAB., *vivamente*. — Cegos, completamente cegos!

JOAN. — Bellinha!

ERN. — Sei a historia do seu projectado casamento

JOAN. — Elle disse-lhe?

ERN. — Não está completamente cego: tem cataratas apenas. As cataratas operam-se com facilidade.

JOAN. — Sim, mas falta o cirurgião.

ISAB., *vivamente*. — O cirurgião deve ser a senhora.

ERN. — Eu poderei ajudal-a, se quizer.

JOAN. — O senhor ?

ISAB. — Oh ! como eu lhe agradeceria !

ERN. — Elle ahi vem. (*Indo ao encontro de Ribeiro, que entra de rodaque.*) Senhor Ribeiro, dê-me as suas ordens.

RIB. — Já ?

ERN. — São horas. Hoje parte um vapor para o sul... está a correspondencia por fazer...

RIB. — Não quero desvial-o de suas obrigações.

JOAN. — Mas no domingo ha de vir jantar comnosco ; sim ?

RIB. — Bem lembrado ! Deita-se mais uma caneca d'agua na sopa. Veja lá se vae faltar.

ERN. — Serei pontual. (*Aperta as mãos ás senhoras.*) Minhas senhoras...

ISAB. — Até domingo, senhor Ernesto.

JOAN. — Estimei muito conhecê-lo, e agradeço de coração o serviço que...

ISAB. — Tambem eu, senhor Ernesto.

ERN. — Pelo amor de Deus, minhas senhoras ! Até domingo. (*Vae apertar a mão de Ribeiro.*)

RIB. — Acompanho-o até a escada.

ERN. — Nada, não se incommode.

RIB. — Ora ! (*Insiste. Novas e ultimas cortezias. Ribeiro e Ernesto saem pelo fundo.*)

SCENA V

JOANNA, ISABEL.

ISAB. — Não lhe pareceu tão bom moço, mamãe ?

JOAN. — Sim, sim ; mas vae lá para dentro : quero agora fallar a teu pae.

A VOZ DE RIB. — Ponha o chapéo, senhor Alberto !

A VOZ DE ERN. — Ernesto ! (*Ouve-se Ribeiro rir.*)

ISAB. — Vae fallar-lhe a meu respeito, mamãe ?

JOAN. — Pois então ? Vae, vae para o teu quarto, e não nos venhas interromper.

ISAB. — Oh ! boa mãesinha ! (*Abraça-a e sae a correr ; Joanna senta-se.*)

SCENA VI

JOANNA, RIBEIRO.

RIB. — Eh ! eh ! eh ! Parece-me um excellente rapaz... apezar do guarda-roupa. (*Vae sahindo pelo lado*).

JOAN., *sentada*. — Manoel ?

RIB., *parando*. — Hein ?

JOAN. — Venha cá, sente-se perto de mim.

RIB. — Temos namoro ? Olha, mulher, que isto, depois de vinte e quatro annos de casados, não tem mais graça. (*Sentando-se*.) Cá estou. Que deseja ?

JOAN. — Desejo saber que papel represento n'esta casa.

RIB. — Oh ! essa agora !

JOAN. — Desejo saber que papel...

RIB. — Já ouvi, já ouvi, que não sou surdo ; mas ainda não pude perceber o sentido de suas palavras.

JOAN. — Trata-se do futuro de sua filha.

RIB. — Logo vi.

JOAN. — E sua filha tambem é minha.

RIB. — Naturalmente ; é nossa.

JOAN. — E' até mais minha do que sua : eu sua mãe... o senhor é apenas pae.

RIB. — Apenas.

JOAN. — É de bom aviso me parece consultarem-se as mães quando se pretende dispor dos filhos.

RIB., *depois de uma pausa*. — Respondo sem rhetoricas nem palanfrorios. Olhe bem para mim : parece-lhe que tenho um *t* na testa ?

JOAN. — Eu é que lhe devia fazer essa pergunta.

RIB. — Se a fizesse, eu responderia que sim. (*Levantando-se*.) Era o que faltava ! Eu, que envelheci no trabalho, que tenho o espirito amadurecido, devia, para tomar uma resolução cuja responsabilidade é minha, immediatamente minha, consultar uma senhora, e então uma senhora quatorze annos mais nova do que eu ! (*Joanna encosta a frente na mão*.) Para que ? Para ouvir d'estas e outras : Não ! não é bom que dê a nossa filha a esse homem honrado e maduro para quem a destinaste ; vae ao jardim do Sant'Anna, vae á rua do Ouvidor, e procura um peralvilho, um boneco, e mette-o em casa, e dá-lhe cama, mesa, roupa lavada e gommada, e tua filha, e nossa filha tambem ! (*Pausa, durante a qual passeia de um lado para outro,*

com as mãos nos bolsos das calças.) Quando eu a pedi, isto é, quando m'a deu seu pae, — lembra-se?... — a senhora batia com os pés e arrancava os cabellos, maldizendo uma sorte invejavel... (*Joanna encara-o fixamente.*) Invejavel, sim, senhora! Tomaram-na muitas, e mais pintadas! N'essa occasião consultou seu pae á sua mãe? Diga! (*Pausa.*) Não consultou, não senhora! Meu sogro era dos meus, e minha sogra lia romances, e a senhora tambem os lê, e sua filha, e nossa filha, que para isso é que serve o dinheiro que gastei com os mestres.

JOAN. — Attende, Manoel... é em nome da felicidade de Bellinha que te fallo!

RIB. — E nós não fomos tão felizes?

JOAN. — Foste-o tu; eu não!

RIB. — Hein?

JOAN. — Sim, porque fui sacrificada á vontade de ferro de meu pae; porque fui obrigada a renunciar a todas as minhas aspirações, e vi desfeitos, como um castello de fumo, todos os meus sonhos de ventura. Obedeci. Pois que o tempo se encarrega de tudo aniquilar, sou feliz agora, sou feliz, entendes? porque me revejo em minha filha. Muito será condemnal-a tambem ao sacrificio; muito será renovar contra essa pobre criança a penosa situação que precedeu ao nascimento do nosso primeiro filho.

RIB. — Que queres tu dizer, mulher?

JOAN. — Só depois do seu nascimento principiei a amar-te. Odiei-te a principio, porque não te podia amar; amei-te depois, porque Deus m'o ordenava nos sorrisos de nosso filho.

RIB. — A tua situação penosa só durou um anno. E' muito sacrificar Bellinha a um anno de provação?

JOAN. — Mas durante esse tempo a mulher tentada vacilla muitas vezes entre o amor e o dever...

RIB. — A mulher tentada?!... E foste-o tu?!... Tentaram-te?!...

JOAN. — Sim. E vacillei. Socega: venci.

RIB., *com um suspiro de allivio.* — Ah!

JOAN. — Mas cartas sobre cartas recebi, que...

RIB. — Cartas?!

JOAN. — Eil-as! (*Tira da algibeira um maço de cartas.*)

RIB. — Fechadas... Estão fechadas?

JOAN. — Fechadas ha vinte e quatro annos. Não as abri, para provar-te a minha honestidade quando t'as apresentasse mais tarde, intercedendo por uma filha que por ven-

tura o céo nos dêsse, como nos deu. Eu fui forte, e venci; ella póde ser fraca, e ceder. Vê o que fazes!

RIB., *guardando as cartas*. — Historias! Caso-a com o commendador, e caso-a bem!

JOAN. — O moço a quem ella ama e com quem deseja casar-se é de boa familia e tem um meio de vida honesto.

RIB. — Não me agrada.

JOAN. — Tambem não agradava a meu pae aquelle que eu amei, e no emtanto...

RIB. — Foi presidente de provincia e até ministro; mas cahio o partido, e hoje não passa de um pobre advogado sem renda certa. Ora viva!

JOAN., *brandamente*. — Convence-te, Manoel.

RIB., *de máo humor*. — Convencer-me de que? De uma asneira? A pequena ou casa-se com o commendador, ou faço uma estrallada que vae tudo raso!

SCENA VII

JOANNA, RIBEIRO, ISABEL.

ISAB., *entrando e lançando-se aos pés do pae*. — Papae!

RIB., *embaraçado*. — Levante-se, menina! Tenha juizo! Não seja tola!

ISAB., *erguendo-se e cahindo banhada em lagrimas nos braços da mãe*. — Mamãe!

A VOZ DE MACEDO. — Licença para mais dous! (*Isabel limpa apressadamente as lagrimas e disfarça. Rosalia apparece ao fundo, acompanhada por Macedo*).

RIB. — Entra, Macedo. Dona Rosalia, vá entrando.

SCENA VIII

JOANNA, RIBEIRO, ISABEL, MACEDO, ROSALIA.

Macedo dirige-se a Ribeiro e Rosalia a Joanna e Isabel.

MAC. — Como vae isso?

ROS. — Como estão? (*Abraços, beijos, etc.; Rosalia vae cumprimentar Ribeiro; Macedo Joanna e Isabel*).

RIB. — Vou indo. — A senhora cada vez mais bella!

MAC. — Ora vivam, minhas senhoras!

AS DUAS. — Senhor Macedo... (*Jogo de scena ao cuidado do ensaiador.*)

MAC. — A menina tem os olhos vermelhos. Esteve a chorar ?

ROS. — E' verdade, agora reparo, Bellinha ! Que tens tu ?

ISAB. — Nada...

MAC. — Quem bem nada não se afoga. Eh ! eh ! eh !...

RIB. — Asneiras... morreu-lhe um dos passarinhos...

MAC. — E' ; as mulheres não choram senão... (*Benzen-do-se.*) Padre, Filho, Espirito-Santo !

JOAN. — Senão porque, senhor Macedo ?

ROS. — Desculpe, dona Joanna : meu marido não sabe o que diz. (*Grupo das tres senhoras.*)

MAC. — Já tardava um remoque... (*Entre-dentes.*) Malcriada ! (*A Ribeiro.*) Minha mulher queria almoçar hoje com você, e eu acompanhei-a porque preciso fallar-te.

RIB. — Estou ás tuas ordens.

ROS. — A causa principal da minha visita é saber por que as senhoras não têm apparecido... Depois que nos mudámos ainda não nos deram esse prazer...

JOAN. — E que tal a casa nova ?

ROS. — Eu dou-me bem em toda a parte.

MAC. — Tem bons *commados*, mas todos muito acanhados. (*A Ribeiro.*) Imagina que o guarda-roupa está na sala de visitas, porque não cabe em nenhum dos quartos !

RIB. — Hein ?

ROS. — E' verdade ; temos que substituí-lo por outro mais pequeno. Tambem uma almanjarra d'aquellas !

MAC. — Nunca vi um guarda-roupa tão grande ! Podia uma familia morar lá dentro á vontade. Eh ! eh ! eh !...

ROS., *a Isabel.* — Disseram-me que você foi ás ultimas corridas com um vestido muito bonito... ha de mostrar-m'ó.

ISAB. — Com todo o prazer.

MAC., *a Ribeiro.* — Minha mulher gasta uma fortuna em vestidos ! Padre, Filho, Espirito-Santo !

JOAN. — Com licença : vou dar algumas ordens para o almoço. Dona Rosalia, querendo entrar, nada de cerimoniaes. A senhora sabe. (*Vae sahindo e volta.*) Dê-me o seu chapéo e a sua capa. (*Rosalia dá-lhe o chapéo e a capa. Joanna sae. Rosalia e Isabel, abraçadas, vão para o fundo.*)

RIB., *a Macedo.* — Mas sobre que me querias fallar ?

MAC. — Sobre esta carta que recebi de um freguez de Minas, pedindo-me uma moratoria. Quero que me acon-

selhes sobre este negocio... — Ah! tu és um homem feliz : liquidaste a tua casa, vives dos teus rendimentos, não tens que dar satisfações a ninguém... Invejo o teu socego ! Podesse eu e faria o mesmo.

RIB. — Deixa-te disso... Dá-me a carta, e vamos para o gabinete, onde estaremos á vontade...

MAC. — Vamos. (*Sahindo com Ribeiro, a Isabel, que desce ao proscenio, sempre abraçada a Rosalia.*) Então, menina, o passarinho foi-se, hein? Eh! eh! eh! eh!... (*Saem Ribeiro e Macedo.*)

SCENA IX

ROSALIA, ISABEL.

Ros. — Idiota! (*Outro tom.*) Vamos lá!... agora que estamos sós... diga-me : porque estava chorando?

ISAB. — Você para que o pergunta, se não me dá remedio?

Ros. — Quem sabe? O remedio póde vir de quem menos se espera.

ISAB. — Papae quer por força que eu me case com o commendador Domingos Bastos... um homem impossivel...

Ros. — Conheço ; parece-se muito com meu marido.

ISAB. — Você sabe que eu gósto muito do Alfredo Lemos, e que o Alfredo Lemos gosta de mim.

Ros. — E seu pae tambem sabe d'isso?

ISAB. — Sabe; mas é inflexivel. Não cede nem ás minhas lagrimas nem aos pedidos de mamãe. Oh, Rosalia! que será de mim?

Ros. — A mesma pergunta fazia eu quando era noiva d'aquelle typo. Hoje não me queixo. Você quer um conselho? Obedeça a seu pae; case-se, e depois de casada continue a gostar do outro.

ISAB. — Rosalia!...

Ros. — Admira-se d'esta linguagem? Que quer? O casamento perverteu-me : já não sou a mesma. E' provavel que venham a fallar de mim... é possivel até que já se falle... Mas que me importa uma sociedade que consente no nosso sacrificio, que não tem uma voz que se levante em nosso favor?

ISAB. — Rosalia!

Ros. — Quando me casei, exigiram que me esquecesse d'elle. Debalde protestei. Levaram-me a uma igreja

como se me levassem a um leilão, e deram-me aquelle ridiculo companheiro para toda a vida. Para toda a vida, Bellinha! Faltou-me energia; não me falta amor. Não tive forças para repellar o marido; é natural que as não tenha para repellar o amante.

ISAB. — Pois você? Oh!...

ROS., *resoluta*. — Sim, elle vae á minha casa... á minha propria casa nas horas em que meu marido não está... (*Isabel afasta-se instinctivamente*) Oh! não se afaste de mim... não sou ainda uma mulher impura... entretanto, não sei se terei forças para não aviltar e materialisar o meu affecto... Elle nunca passou da sala de visitas... A principio fiz-me esquivá á sua presença... fingi muitas vezes que não gostava de o ver allí... mas saboreiava intimamente o ineffavel prazer da sua companhia... Hoje, sou a primeira a pedir-lhe que volte... Como acabará isto, meu Deus? (*Rindo-se*.) Ah! ah! ah! Ainda o outro dia... (*Rindo-se mais*.) Ah! ah! ah! A coisa tem graça realmente!

ISAB., *sorrindo-se tristemente e com algum interesse*. — Que foi?

ROS. — Estavamos juntos; elle fallava-me de amor; diziamos não sei o que... quando, de repente, ouvimos passos no corredor...

ISAB. — Era seu marido?

ROS., *fazendo um signal affirmativo com a cabeça e rindo-se*. — Não tive outro remedio senão escondel-o... sabe aonde? Ah! ah! ah! No tal guarda-vestidos! Na almanjarra! (*Rindo-se nervosamente*.) Case-se, Bellinha, case-se, case-se! Não se impoite!

SCENA X

ROSALIA, ISABEL, RIBEIRO, MACEDO, depois JOANNA.

MAC., *continuando uma conversa*. — Pois grande novidade me dá você! O casamento é pechincha, lá isso é, mas tenho pena do Domingos. Isto de homens de certa idade terem de aturar crianças... Eu que o diga! (*Aponta para Rosalia*).

RIB. — Hein?

MAC. — Eu que o diga! Padre, Filho, Espirito-Santo! (*Ribeiro fica pensativo*).

ROS., *a Isabel*. — Olhe só para aquella cara !

JOAN., *entrando*. — Vamos almoçar.

RIB., *como despertando*. — Vamos !

MAC. — Boa noticia para o pae da crianca ! Eh ! eh ! eh ! eh ! eh !...

RIB., *vendo que Rosalia'e Isabel não se mexem*. — Ah ! não querem ? (*A Macedo*.) Sabes que mais ? Vamos indo. Elles que venham quando lhes apertar a fome.

MAC. — Ai, ai ! Vamos nós que eu levo a roupa ! Eh ! eh ! eh ! eh ! eh !... (*Saem os dous*).

SCENA XI

ISABEL, ROSALIA, JOANNA.

ROS., *erguendo-se, a Isabel*. — Vamos, vamos tambem. (*Encaminha-se para a porta*).

JOAN., *em voz baixa a Isabel, que se ergue*. — Não desesperes.

ISAB. — Ora, mamãe, se não houver outro remedio, que hei de eu fazer senão casar-me com o commendador ? (*Vae dar o braço a Rosalia e saem ambas, acompanhados por Joanna, que se mostra estupefacta. Cae o panno*).

ACTO SEGUNDO

O theatro representa a sala de visitas da casa de Macedo. A' direita, o enorme guarda-roupa de que se fallou no segundo acto.

SCENA PRIMEIRA

ERNESTO, ROSALIA, ambos sentados.

ERN., *levantando-se e consultando o relógio.* — Bom... são horas...

ROS. — Tão cedo...

ERN. — Não posso ficar mais tempo... temos amanha paquete para o Norte, e a correspondencia está por fazer.

ROS., *tomando-lhe a mão.* — Até quando?

ERN. — Até sabbado.

ROS. — A's mesmas horas?

ERN. — A's mesmas horas. Não se esqueça do signal... meia folha da janella encostada. Se não, não entro. Adeus. (*Beija-lhe a mão, vae a sahir e pára em frente ao guarda-roupa.*) Não ólho para este diabo, que não me lembre daquella hora e meia que passei lá dentro... Quando se remove d'aqui este colosso?

ROS. — Creio que hoje mesmo sahirá de casa. Meu marido ficou de mandar cá um homem para desarmal-o e leval-o não sei para onde. (*Abre o guarda-roupa.*) Olhe... já está vasio.

A VOZ DE MACEDO. — Subam! subam! (*Rosalia dá um grito; Ernesto mette-se no guarda-roupa; ella fecha-o e guarda a chave.*)

SCENA II

ERNESTO, no guarda-roupa; ROSALIA, MACEDO, DOUS HOMENS.

MAC. — Entrem. (*Apontando para o guarda-roupa.*)
Está alli o bicho! Podem desarmal-o.

1º. HOM. — Chi!

2º. HOM. — Que monstro! (*Encaminham-se ambos para o guarda-roupa.*)

MAC. — Que é da chave?

ROS. — Um instante... Não quero desfazer-me d'este movel.

MAC. — Hein?

ROS. — Não quero que elle saia de casa.

MAC. — Pois a senhora não foi a propria a pedir-me que o pozesse fóra de casa quanto antes? Ainda esta manhan não conversámos a esse respeito? Não fiquei de trazer estes homens para desarmal-o e leval-o? A senhora não o esvasiou hontem á noite?

ROS. — Pois sim, mas reflecti e arrependi-me. E' um bello traste; não se encontram dous assim no Rio de Janeiro.

MAC. — Isso é verdade: este é unico. Mas a senhora ha de convir que não é um movel proprio para se ter na sala de visitas... e nós não temos outro lugar na casa onde o possamos accomodar.

ROS. — Não ficamos nesta casa... procuraremos outra, onde haja um quarto em que elle caiba.

MAC. — Não ficamos nesta casa? Padre, Filho, Espirito-Santo! Pois se ainda esta manhan a senhora disse-me que nunca morou n'uma casa que lhe agradasse tanto!

ROS. — Eu disse isso?

MAC. — Sim, senhora!

ROS. — Então foi por ironia. E' uma casa impossivel, edificada n'um terreno pantanoso. Estou aqui, estou doente.

MAC. — Valha-me Deus! A senhora é a moça mais caprichosa que o sol cobre!

ROS. — E' possivel. Se não me queria assim, não se casasse commigo.

MAC. — Tem rasão, tem rasão... Não me posso queixar senão de mim mesmo. Quem me mandou?

ROS. — Lembre-se de que não estamos sós.

MAC., *aos homens.* — Tenham paciencia... A senhora não quer que esta almanjarra saia de casa. Pois que não

saia. Tomem lá dez tostões pelo trabalho de cá vir, e desculpem a massada. (*Dá dinheiro aos homens*).

1.º HOM. — Muito obrigado.

2.º HOM. — Em precisando de nós, lá estamos. A senhora póde mudar de resolução. . .

MAC. — Bem, bem. Adeus. (*Os homens saem*).

SCENA III

ROSALIA, MACEDO.

MAC., *sentando-se*. — Pois saiba que comprei para a senhora, em casa do Costrejean, um guarda-roupa catita, com tres espelhos e. . .

ROS. — Prefiro este. Póde desfazer a compra.

MAC. — Naturalmente. Se temos este, que vale por dez, para que outro?

ROS. — E'. (*Pausa.*) O senhor fica?

MAC. — Fico. Se adivinhasse, não tinha cá vindo: limitava-me a mandar os homens. Uma vez que vim, fico. Que vou fazer no armazem a estas horas? Demais a mais, está muito calor lá em baixo na cidade. Jantaremos juntos pela primeira vez em dia de semana. (*Levanta-se e contempla o guarda-roupa.*) Que diabo! é mesmo um monstro, como lhe chamou aquelle mariola! Onde tinha eu a cabeça quando comprei isto? — Mas. . . porque o fechou?

ROS. — Por nada: fechei-o por fechar.

MAC. — Isso não é resposta que se dê.

ROS. — Tanto é que a dei.

MAC. — Não ha effeito sem causa. Acho exquisito que a senhora fechasse um guarda-roupa vasio.

ROS. — E quem lhe diz que elle está vasio?

MAC. — Ora essa!

ROS. — Eu posso ter alguma coisa lá dentro guardada.

MAC. — Ora qual! o que poderia a senhora guardar alli?

ROS. — Tanta coisa! — Um homem, por exemplo.

MAC. — Um homem! . . . Com essas coisas não se grajeja, menina!

ROS. — Pois não acha *exquisito* que eu fechasse um guarda-roupa vasio? O senhor que o disse, é porque alguma suspeita lhe atravessou o espirito.

MAC. — Padre, Filho, Espirito-Santo! Eu podia lá imaginar semelhante coisa!

ROS. — Tanto imaginou, que está doido por me pedir a chave.

MAC. — Eu, menina?! Fique-se lá com a chave e pelo amor de Deus não diga tolices!

ROS. — Pois saiba que está alli dentro um homem!

MAC. — Rosalia!

ROS. — Se quizer convencer-se, abra e verá. Aqui tem a chave.

MAC. — A menina quer divertir-se á custa de seu marido? Lembre-se que eu podia ser seu pae!

ROS., *com um suspiro*. — Lembro-me, sim, e a todo o instante... (*Apresentando-lhe a chave.*) Então? não quer certificar-se?

MAC. — Ora não me aborreça!

ROS. — Mas veja que estou fallando serio... Na sua ausencia veio cá um homem... um bonito rapaz de quem eu gosto... e já se despedia, quando o senhor entrou inesperadamente... Elle ficou atrapalhado, escondeu-se alli... e eu fechei-o á chave. Ahi está a razão porque não consenti que tocassem no guarda-vestidos.

MAC. — Eu previno-a de que estas brincadeiras são de muito máo gosto!

ROS. — O senhor ia ficar em casa... infallivelmente tudo descobriria... prefiro dizer-lhe tudo... e entregar-lhe a chave. Mas acautele-se: o homem que lá está mettido é resoluto e valente.

MAC., *tomando a chave*. — Eu vou abrir o guarda-roupa... Mas veja lá! Se estiver vasio, zango-me, porque não tolero brincadeiras d'esta ordem!

ROS. — E se não estiver vasio?

MAC. — Se não estiver...? (*Cahindo em si.*) Isto é, zango-me se não estiver... A senhora obriga-me a dizer tolices! (*Approxima-se do guarda-roupa e mette a chave na fechadura.*)

ROS., *com muita serenidade*. — Senhor Macedo?

MAC., *voltando-se*. — Senhora?

ROS. — Venha cá... Approxime-se. (*Elle obedece.*) Ponha-se de joelhos...

MAC. — Hein?

ROS. — De joelhos!

MAC. — Menina...

ROS. — Então? não ouve? (*Macedo ajoelha-se.*) Peça-me perdão.

MAC. — Perdão porque ?

ROS. — Por ter duvidado de mim. Peça-me perdão, ou vou immediatamente para casa de meus paes !

MAC. — Padre, Filho, Espirito-Santo ! quem foi que lhe disse que eu duvidei ?

ROS. — Toda esta scena foi imaginada por mim, para experimentar o grão de sua confiança.

MAC. — Póde ficar certa, Rosalia, de que não desconfio de coisa alguma ; mas se a senhora desconfia que eu desconfio, peço-lhe que me perdõe.

ROS. — Está perdoado. Vá buscar os homens.

MAC., *levantando-se*. — Que homens ?

ROS. — Os homens que têm de desarmar e remover o guarda-roupa.

MAC. — Agora ?

ROS. — Já, já, já ! Não quero que aquillo fique em casa esta noite. Agora ainda mais raiva lhe tomei.

MAC. — Mas amanha temos tempo . . .

ROS. — Ai, mão ! o senhor sabe como eu sou caprichosa ! Quando quero, quero !

MAC. — Lá vou, lá vou ! Ora os meus peccados !

ROS. — Ahi vem justamente um bonde. Vá, ande !

MAC. — Padre, Filho, Espirito-Santo ! (*Sae. Rosalia vae para a janella, e, depois de algum tempo, como tranquillizada por Macedo ter tomado o bonde, corre a abrir o guarda-roupa. Ernesto sae muito pallido, crusa os braços e contempla-a*).

SCENA IV

ROSALIA, ERNESTO.

ERN. — Ouvi tudo. A senhora é de muita força !

ROS. — Sou mulher.

ERN. — E assim se brinca com os nervos de um homem ! Sabe que mais ? O silencio e a sombra d'aquelle armario prestam-se admiravelmente á reflexão : esta vida de continuos sobresaltos não póde continuar : offerecem-me um logar vantajosissimo em S. Paulo ; peço-lhe permissão para aceital-o.

ROS. — Ora essa ! o senhor é solteiro . . . é livre como os passaros.

ERN. — Com que frieza me diz isso !

Ros. — Naturalmente. Este minuto bastou para desfazer uma impressão de muito tempo. Suppoz que o senhor sahisse do seu escondrijo entusiasmado pela minha astucia; mas vejo que só lhe póde agradar a vulgaridade, o commum. E' muito limitado o seu ideal. Adeus, boa viagem. Felizmente as coisas não chegaram ao ponto de lhe darem o direito de me fazer corar. (*Pausa.*) Tem graça! Crusar impertinente os braços diante de mim, e dizer-me que sou de muita força! Que faria o senhor se eu tivesse cedido á brutalidade dos seus desejos!

ERN., *descobrando-se e preparando-se para se justificar.* — Rosalia, eu...

A VOZ DE RIBEIRO. — Câ vou entrando. (*Rosalia dá um grito. Ernesto foge para o guarda-roupa; ella fecha-o, mas deixa ficar a chave. Ribeiro entra a tempo de vel-a fechar o movel.*)

SCENA V

ERNESTO, no guarda-roupa, ROSALIA, RIBEIRO.

RIB. — Ora Deus esteja... (*Estaca ao ver Rosalia fechando o movel.*)

Ros., *voltando-se.* — Esteja aonde? arrependeu-se?

RIB. — Nada... é que...

Ros., *approximando-se d'elle.* — Então? Não me falla? Como passou?

RIB. — Bem, obrigado. E a senhora?

Ros. — Boa. Estou o achando assim com uns modos...

RIB. — E' que... (*Rindo-se.*) Ora! eu sempre sou um grande pedaço d'asno! (*Sentando-se.*) Tratemos de outra coisa... (*Depõe o chapéo.*)

Ros. — Mas por emquanto não tratámos de coisa alguma.

RIB. — Pelo que vejo, a madama e a pequena ainda cá não chegaram?

Ros. — Não.

RIB. — Não devem tardar... Fiquei de vir ter com ellas aqui... andam a fazer compras... a preparar o enxoval, sabe?... Sahiram de casa resolvidas a vir jantar com a senhora.

Ros. — Mas o senhor parece-me assim um tanto embaraçado...

RIB. — Uma tolice.

Ros. — Qual ?

RIB. — A senhora vae ou rir-se ou zangar-se. Das duas uma.

Ros., *sentando-se* — Devéras ?

RIB. — Como sabe, vou casar a pequena; mas o noivo repugna-lhe.

Ros. — Sim ?

RIB. — Faça-se de novas. A senhora sabe disso tão bem ou melhor do que eu.

Ros. — Effectivamente sei que Bellinha tem certa inclinação...

RIB. — ... muito pronunciada. (*Tira uma carta do bolso.*) Hoje, depois que ellas s'hiram, apanhei esta carta nas mãos da cosinheira... Veja se isto são coisas que se escrevam ! (*Lê*) « Meu Alfredo ». E' o tal.

Ros. — Alfredo Lemos, um excellente rapaz.

RIB., *lendo*. — « Meu Alfredo. Não sou bastante forte para resistir á vontade de meu pae. As minhas lagrimas e as considerações de minha mãe não tiveram eloquencia bastante para demovel-o de sua tyranica resolução » Eu, tyrano ! « Mas tu, a quem adoro mais que á própria vida; tu, que és o meu Deus e o meu tudo, conta sempre com o meu amor, antes e depois d'esse commercio infame, que se vae chamar o meu casamento. Tua, Isabel. » Que lhe parece, minha senhora ?

Ros. — Parece-me que o senhor não deve constrangel-a.

RIB. — Isto copiou ella sem dúvida d'esses romances indecentes, que só servem para transtornar o juizo ás raparigas. Não foi outra coisa. — Mas vamos ao caso ; isto foi apenas uma preliminar: o outro dia estive em nossa casa um moço por nome Alberto, que me arrancou ás garras da morte, ou antes, ás rodas de um bonde. Vem a dar no mesmo... (*Reparando no guarda-roupa e erguendo-se.*) Esta é que é a tal almanjarra de que me fallou o Macedo ? (*Approximando-se do movel.*) Na realidade é enorme (*Vae a abrir*).

Ros., *com um grito*. — Não abra !

RIB. — Desculpe.

Ros., *perturbada*. — Acabe de contar a historia do moço que o livrou das garras do bonde.

RIB. — Ou das rodas da morte... lá vae... (*Senta-se.*) Participando eu ao tal Ernesto...

Ros. — Ernesto ?

RIB. — Conhece-o ?

Ros. — Não... é que...

RIB. — An ?

ROS. — O senhor tinha dito Alberto.

RIB. — E' que sempre me engano... Seja que santo for, *ora pro nobis*. Participando eu ao tal Alberto...

ROS. — E' Alberto ou Ernesto ?

RIB. — Ernesto, Ernesto, é... (*Pausa.*) Ernesto ou Alberto. — Participando-lhe eu que ia casar a Bellinha, contra a sua vontade, com o commendador Domingos Bastos, que elle conhece, aconselhou-me a que não contrariasse a pequena... e mais isto, e mais aquillo... E, para dissuadir-me do meu proposito, contou-me a historia de um guarda-roupa.

ROS. — De um guarda-roupa ?

RIB. — De uma almanjarra como aquella, que tambem não cabia em nenhum dos quartos da casa...

ROS. — Sim ?

RIB. — N'um dia em que o Alberto, quero dizer, o Ernesto, estava n'um doce colloquio com certa senhora casada, teve que se esconder no guarda-roupa, para não ser surpreendido pelo dono da casa.

ROS. — Mas porque me disse que eu havia de rir-me ou zangar-me ?

RIB. — Ah! eu lhe digo... Ao subir as suas escadas, vinha exactamente pensando n'esse episodio galante... e, quando entrei n'esta sala, e dei com a senhora a fechar presurosa o guarda-roupa, quasi me convenci de que...

ROS., *com um riso forçado*. — Ah! ah! ah! que ideia!

RIB. — Ahi está; a senhora rio-se, não se zangou; melhor... Perdê... foi uma impressão passageira... e tudo se desfaz desde que se abra o movel. (*Vae abril-o.*)

ROS., *com um grito*. — Não! (*Corre a defender o guarda-roupa. Ribeiro fica perplexo. Entram Joanna e Isabel.*)

SCENA VI

ERNESTO, no guarda-roupa, ROSALIA, RIBEIRO, JOANNA, ISABEL.

JOAN. — Vamos entrando, odna Rosalia.

ROS. — Dona Joanna... Bellinha...

ISAB. — Que tem, Rosalia ?

JOAN., *apertando-lhe a mão*. — E' verdade... está tão allida... e como treme!

ROS. — Enganam-se... não tenho nada... Deem-me os seus chapéus.

JOAN. — D'aqui a pouco. Deixe-me descansar um instante. (*Senta-se.*) Temos andado n'uma dubadoura por causa do casamento.

RIB. — Pois não se afadiguem por isso.. Temos tempo... temos muito tempo ..

JOAN. — Espero que Bellinha seja feliz. A principio deram um oceano de lagrimas, mas afinal .. como por milagre...

RIB. — O milagre está explicado n'esta carta. Leia, e diga-me depois o que é feito de nossa filha... de sua filha! (*Dá-lhe a carta.*)

ISAB., *reconhecendo a carta, com um grito.* — Ah!

JOAN., *erguendo-se.* — Manoel... Bellinha... Que quer isto dizer?

ISAB. — Oh! que vergonha! (*Esconde o rosto no hombro de Rosalia.*) Rosalia!

RIB. — Pena tenho eu que não esteja aqui mais gente... quizera pôr em exposição a desalmada que escreveu isso!

ISAB., *com o rosto escondido e suffocada pelas lagrimas.* — Perdõe, papae!

JOAN. — Seja qual fôr o conteúdo d'esta carta, Manoel, o seu procedimento não é digno de um homem de bem. Se houvesse uma nodoa nos sentimentos d'aquella criança, laval-a-iam as aguas que correm d'aquelles olhos.

RIB. — Não esteja a dar-me sentenças, senhora doutora; leia a carta e depois falle.

JOAN. — Se é criminoso este papel (*Rasga a carta.*), no senhor mais do que em ninguem deve recahir a culpa d'esse crime.

RIB., *baixinho.* — D'aqui a pouco ficarás satisfeita com teu marido; mas vae lá para dentro, e leva contigo dona Rosalia e a Bellinha.

JOAN., *baixo.* — Porque?

RIB. — Dentro d'aquella guarda-roupa ha contrabando... Tudo te direi depois. Retirem-se: quero evitar um escandalo.

JOAN. — Não percebo. (*A Rosalia.*) Dona Rosalia, leve-nos ao seu quarto de *toilette*.

ROS., *sem se mover.* — Pois não. (*Olha para o guarda-roupa. Ribeiro faz-lhe um signal de intelligencia. Ella aproxima-se d'elle.*)

RIB. — Tranquillise-se.

Ros. — Façam favor. (*Indica o caminho ás visitas. Saem as três senhoras*).

SCENA VII

RIBEIRO, ERNESTO, depois ROSALIA.

Ribeiro, mal se apanha só, olha para todos os lados, e vae abrir o guarda-roupa.

ERN., *sahindo*. — Meu caro senhor Ribeiro, não me perca! Ouvi tudo!

RIB. — Perdel-o eu, quando o senhor, além de me salvar a vida, salvou-me a filha, salvou-me a honra! E' justo que eu o salve tambem. Uma almanjarra por um bonde!

ERN. — Se soubesse... Dona Rosalia e eu tinhamos acabado de cortar as relações quando ouvimos a sua voz no corredor... Juro-lhe que vou para S. Paulo, onde me espera um emprego vantajoso.

RIB. — Ora ande lá, prometta não cahir n'outra.

ERN. — Não prometto para não faltar. Mas a lição foi poderosa. Adeus. — Ah! antes de sahir... Creia, senhor Ribeiro, creia que as minhas relações com esta senhora nunca foram além de innocentes colloquios...

RIB. — Ainda bem.

Ros., *entrando, com altivez*. — Não saia, sem saber que a noticia da sua indiscrição me deixa inteiramente tranquilla no tocante á natureza dos sentimentos que de hoje em diante possa nutrir a seu respeito. (*Dá-lhe as costas e desce ao proscenio*).

RIB. — Muito bem... muito bem... é muito conveniente que tenham queixas um do outro. (*Ernesto quer approximar-se de Rosalia; Ribeiro impede-o*.) Vá, vá para S. Paulo, senhor Alberto.

ERN., *muito commovido*. — Ernesto. (*Aperta-lhe a mão e sae. Rosalia cae n'uma cadeira, e esconde o rosto nas mãos*).

RIB. — Não chore, dona Rosalia; faça de conta que nada d'isto aconteceu... Conte com a minha discrição. (*Para dentro*). Psco! menina! venha cá! (*A Rosalia*.) Ature o Macedo como Deus o fez e lh'o entregou. E' mais nobre o cumprimento do dever quando custa um sacrificio.

SCENA VIII

ROSALIA, RIBEIRO, ISABEL, depois JOANNA, depois MACEDO
e os DOUS HOMENS.

RIB., *a Isabel, que entra enleada.* — Vem cá, minha filha... Dá cá um abraço.. Casa-te com quem bem te parecer, ouviste? Escolhe um noivo o teu gosto!

ISAB. — Que está dizendo, papae? Pois consente que eu me case com o Alfredo Lemos?

RIB. — Com elle ou com outro qualquer. Isso é com-tigo. E's dona do teu coração.

ISAB. — Oh! que felicidade! (*Indo ao encontro de Joanna, que entra.*) Mamãe! mamãe! papae consente que eu me case com elle!

JOAN — Teu pae põe as barbas de molho, minha filha; faz muito bem.

MAC, *entrando com os dous homens.* — Entrem! — Olá! como isto está floreado! Eh! Eh! Eh! (*Rosalia, ao ouvir a voz de Macedo, levanta-se e fórma um grupo com as outras duas senhoras.*) Desarmem o bicho! (*Os dous homens dirigem-se para o guarda-roupa e preparam-se para desarmal-o.*)

RIB. — Então vaes desfazer-te da almanjarra?

MAC. — Queres saber de uma coisa engraçada? Minha mulher quiz hoje fazer-me crer que tinha escondido um namorado lá dentro! Eh! eh! eh! eh! eh!...

NO PRELO

CONTOS POSSIVEIS

POR

ARTHUR AZEVEDO

Um volume de duzentas paginas.